

APRESENTAÇÃO

Em nome do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa em Filosofia, nós temos a satisfação e a honra de trazer a público o número 34 da revista *Ideação*.

Pela primeira vez a revista *Ideação* tem por dossiê a Antiguidade Grega. A escolha por este tema foi por dois motivos: em primeiro lugar, para ampliar e fortalecer o diálogo entre os saberes da Antiguidade Grega. Em segundo lugar, para divulgar, valorizar e incentivar as pesquisas na área de história da filosofia antiga. Julgamos que esses motivos são relevantes, pois, atualmente, há um desinteresse crescente nas graduações dos cursos de filosofia por essa área.

Por que pesquisar história da filosofia antiga? Por que estudar autores mortos? Por que despende um tempo substancial com problemas do passado? Aqueles que pensam que não há sentido algum em estudar autores mortos ou em perder tempo pesquisando problemas do passado, incorrem em uma absolutização. Devemos ter em mente que a compreensão e a assimilação de autores ou problemas do passado nunca chegam a resultados definitivos e/ou absolutos. Como também, que a conclusão e a solução das pesquisas sobre autores e problemas do passado têm valor justamente porque promovem novos problemas e possibilitam novas investigações.

Os temas discutidos pelos pensadores da antiguidade grega ou do período helenístico dizem respeito a questões fundamentais da existência humana, cuja discussão ainda hoje é atual. Além disso, as construções do pensamento

ocidental não podem prescindir do conhecimento gerado por aqueles filósofos que iniciaram os questionamentos mais fundantes do ser humano.

Há, ainda, aqueles que julgam que estudar história da filosofia é não fazer filosofia “pura”. Todavia, não existe filosofia “pura”. Muitas das inovações filosóficas dependeram de reflexões de filósofos predecessores. Estudar história da filosofia não é narrar o pensamento de autores do passado. Até porque o papel do historiador não é meramente narrar fatos. E mesmo que alguém investigue algo que imagine ser inovador e original, deve saber que, antes de qualquer coisa, ele está inserido em um contexto, e ao iniciar um estudo e um pensamento, já está fazendo história.

Em suma, para quem escolhe ser filósofo parte-se do princípio de que deva ter interesse na história da filosofia. Do mesmo modo que é razoável admitir que quem tem interesse pelas questões filosóficas ou trabalha numa dada tradição, é provável que também tenha a curiosidade pela maneira como outros autores tentaram formular e responder questões filosóficas e pelos autores anteriores dessa tradição.

Para essa edição foi dada a cada articulista a possibilidade de escolha de um tema relacionado à Antiguidade Grega, segundo o que de melhor pudesse ser apresentado aos leitores.

Étienne Helmer analisa a figura do estrangeiro e a questão da diferença política no diálogo *Menêxeno* de Platão. Ele defende que nesse diálogo Sócrates imita a posição comum entre os atenienses e os estrangeiros, e refuta-a ao mesmo tempo da seguinte maneira: 1) demonstrando que o “Atenocentrismo” é irrelevante; 2) que a relevância na política não é cultural, mas ela se fundamenta na reflexão filosófica sobre “o que é uma boa cidade”.

O artigo de Brian Gordon Lutalo Kibuuka faz uma pequena apresentação de Sêneca, um dos principais representantes do estoicismo, mostrando que a produção “dramática” de Sêneca tem uma relação com o “drama grego”, mas segue uma estrutura específica, deixando permear, em suas temáticas, as ideias estoicas. Especialmente na tragédia *Troianas*, ele mostra que, a despeito do uso das convenções cênicas, dramáticas, o autor apresenta as ideias estoicas sobre dor, sofrimento, morte e vida após a morte.

Winfried Schröder procura mostrar que, a despeito do abandono pelos estudiosos de alguns elementos da filosofia antiga, pois se prendem ao período da Grécia antiga e helenismo, Celso, Porfírio, Heracles e Juliano, o Apóstata, trazem grandes contribuições à compreensão dos movimentos anticristãos dos séculos 17 e 18 d.C. especialmente no que diz respeito ao Iluminismo para a filosofia da religião. Isto se dá, sobretudo, com base no entendimento da revelação bíblica e na moral cristã.

Juliana Aggio, a partir dos conceitos aristotélicos de *autarkeia* (autarquia) e *sôphrosynê* (temperança), propõe como hipótese que é possível defender uma concepção de liberdade do sujeito perante a sociedade e sobre si mesmo. Também procura, com base no conceito aristotélico de temperança, demonstrar que é possível sustentar a interpretação de Foucault, como ele sugere em sua obra *O uso dos prazeres*, de que Aristóteles propõe uma espécie de liberdade sobre si, que ultrapassa o controle ou o governo sobre si.

Christiani Margareth de Menezes propõe em seu artigo que para Aristóteles a retórica é uma verdadeira *techne* (arte),

próxima à dialética, entretanto, não plenamente identificada com ela. Para isso, apresenta uma análise da noção de *techne* e a interpretação aristotélica dada à retórica como *techne* verdadeira.

Luizir de Oliveira, a partir da discussão do polêmico plano estratégico apresentado pelo reitor da Universidad Nacional Autónoma de México — UNAM —, José Narro, o de extinguir até 2020 a Faculdade de Filosofia e Letras, com a alegação de que é preciso deixar de gastar os recursos da universidade com formações “inúteis” que não garantem o “sustento digno” dos estudantes, expõe, com base nos apontamentos de Sêneca, a filosofia como um exercício existencial e retoma a discussão da pergunta: “qual a utilidade da filosofia”?

Juliana Caldeira Monzani traz uma discussão interessante sobre o uso de material arqueológico para ajudar a entender o desenvolvimento da *polis*, que é um elemento importante na compressão da filosofia grega antiga. Após uma breve fundamentação da importância do estudo da história antiga, a partir do material arqueológico, usando *Nichoria* como exemplo, a autora entende que um olhar sobre as descobertas arqueológicas pode nos ajudar na compreensão do desenvolvimento da *polis* grega.

No artigo de Adriana Tabosa é realizada uma análise sobre o problema aristotélico do mérito como critério para a reciprocidade proporcional. Ela propõe que, com o surgimento da *polis*, a *axia* não se constitui como um critério objetivo para o julgamento sobre a igualdade na distribuição no interior de uma comunidade política.

Bianca Vilhena Campinho Pereira apresenta uma análise da noção protagórica de *phantasia*, assim como, da teoria do sonho exposta por Sócrates que rivaliza com a de Protágoras, presentes no diálogo *Teeteto*.

Esperamos que o dossiê Antiguidade Grega seja bem acolhido e desejamos uma boa leitura a todos.

Adriana Santos Tabosa
Ágabo Borges de Sousa
Organizadores